

Matadouro-Cinco

Matadouro-Cinco

Kurt Vonnegut

tradução de

Daniel Pellizzari



Copyright © 1969 por Kurt Vonnegut, Jr.

Copyright renovado em 1997 por Kurt Vonnegut, Jr.

Todos os direitos reservados.

Tradução publicada mediante acordo com Dial Press, um selo da Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL

Slaughterhouse-Five

REVISÃO

Marina Góes

João Sette-Câmara

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

CAPA

Túlio Cerquize

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V917m

Vonnegut, Kurt, 1922-2007

Matadouro-cinco : ou a cruzada das crianças. uma dança compulsória com a morte / Kurt Vonnegut ; tradução Daniel Pellizzari. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.

288 p. ; 21 cm.

Tradução de: Slaughterhouse-five

ISBN 978-85-510-0459-3

1. Guerra Mundial, 1939-1945 - Ficção. 2. Ficção americana. I. Pellizzari, Daniel. II. Título.

18-54207

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Matadouro-Cinco ou A CRUZADA DAS CRIANÇAS

UMA DANÇA COMPULSÓRIA COM A MORTE

por

Kurt Vonnegut

UM TEUTO-AMERICANO DE QUARTA GERAÇÃO

AGORA VIVENDO NUMA BOA EM CAPE COD

[FUMANDO DEMAIS] E QUE, ENQUANTO BATEDOR

DE INFANTARIA *HORS DE COMBAT* FEITO

PRISIONEIRO DE GUERRA, TESTEMUNHOU MUITO

TEMPO ATRÁS O BOMBARDEIO INCENDIÁRIO DE

DRESDEN, A “FLORENÇA DO ELBA” NA ALEMANHA,

E SOBREVIVEU PARA CONTAR A HISTÓRIA. ESTE

É UM ROMANCE MEIO AO ESTILO TELEGRÁFICO

ESQUIZOFRÊNICO DAS HISTÓRIAS DO PLANETA

TRALFAMADORE, DE ONDEVÊM OS DISCOS

VOADORES. PAZ.

*Para Mary O'Hare
e Gerhard Müller*

Prefácio à edição brasileira

Em *Guerra aérea e literatura*, W. G. Sebald afirmou que os escritores alemães não souberam lidar com o trauma dos bombardeios que sofreram na Segunda Guerra Mundial. A cidade de Dresden foi completamente devastada: o número de mortos é equivalente ao da bomba atômica de Hiroshima, e boa parte das casas e construções da cidade, inclusive a igreja, ficaram em ruínas. No entanto, essas cenas de destruição estão ausentes da literatura alemã e ganharam sua representação artística mais conhecida em *Matadouro-Cinco*, de Kurt Vonnegut Jr., que até a publicação dessa obra era visto como um esquisito escritor americano de comédia alegórica e ficção científica.

Desde o primeiro romance, *Revolução no futuro* (1952), no qual descreve uma distopia de trabalhadores substituídos por autômatos, Vonnegut demonstrou uma imagina-

ção prodigiosa, capaz de conjurar tramas estapafúrdias, sempre com bom humor e uma linguagem simples, de vocabulário tão reduzido que seus livros podem ser lidos por jovens de pouca bagagem cultural. Isso não é uma crítica; ser um autor acessível acabou virando uma postura política e ética de Vonnegut, que atingiu o ápice de seu projeto literário com *Matadouro-Cinco*, no qual mergulhou em temas dolorosos do próprio passado, em que foi soldado na Segunda Guerra Mundial, na busca de um sentido — nem que este se revele um clichê, como a frase “É assim mesmo”, repetida à exaustão ao longo do livro, como uma resignação triste e irônica.

E foi com *Matadouro-Cinco*, seu sexto romance, publicado em 1969, que Vonnegut tornou-se popular e um sucesso de crítica. Através dele, apresentou um retrato da guerra que atingiu um ponto nevrálgico da cultura norte-americana. Os Estados Unidos, na década de 1960, estavam envolvidos num conflito bélico violento e absurdo (como todos são, Vonnegut diria) no Vietnã, que foi um período frutífero para a literatura experimental.

Assim, o romance que você tem em mãos possui forte parentesco com clássicos da contracultura: *Ardil 22* (1961), de Joseph Heller, que explicitou o *nonsense* da guerra; *Despachos do front* (1977), de Michael Herr, uma não ficção sobre o Vietnã que é tão lisérgica quanto o rock dos anos 1970; e *O arco-íris da gravidade* (1973), de

Thomas Pynchon, que, como *Matadouro-Cinco*, também trata da Segunda Guerra Mundial rejeitando as diretrizes do realismo.

Pynchon irmana-se a Vonnegut ao se apropriar de tópicos da ficção científica para narrar um momento histórico, e ainda ao misturar com um tom ocasional de comédia pastelão e desenho animado. Ambas as obras viraram ícones do pós-modernismo norte-americano. Porém, enquanto o livro de Pynchon é um romance caudaloso, de mais de 700 páginas e leitura difícil, *Matadouro-Cinco* se tornou um *best-seller* pela sua linguagem direta e por tentar constituir uma visão de mundo pacifista que faça sentido diante de um universo cada vez mais insensível.

Vonnegut mescla seus delírios — com direito a uma raça de alienígenas que se assemelham a desentupidores e um personagem “solto no tempo” que parece saído da mente de Philip K. Dick — com seu substrato autobiográfico de sobrevivente de Dresden. O tempo, ensinam os alienígenas, é uma coisa só: o passado coexiste com o presente e o futuro.

Inspirado em uma frase de Louis-Ferdinand Céline, Vonnegut fala da guerra como uma dança com a morte. O autor passou pelo inferno, bailou uma valsa com a aniquilação e voltou para nos contar a história. O seu trauma pessoal serve de matéria-prima literária e que pulsa intensamente sob as camadas de humor desvairado.

Há, declarado desde o início, o desejo de escrever um livro sobre Dresden, um livro antiguerra de jovens (quase crianças) que se envolveram num massacre. Mas a intenção colide com a realidade: como descrever o indescrevível? Os limites da representação é um dos temas mais recorrentes da filosofia do século XX (de Theodor Adorno a Hannah Arendt, até *Shoah*, de Claude Lanzmann) e acaba sendo fulcral em *Matadouro-Cinco*. O narrador afirma nas primeiras páginas que não há nada de inteligente que se possa dizer sobre o assunto. E, no entanto, ao usar uma linguagem tão enganosamente simples para expor o absurdo da guerra, em tudo que esta tem de desumano, caótico e aleatório, Kurt Vonnegut Jr. consegue dizer isso e muito mais.

ANTÔNIO XERXENESKY

*O gado mugindo
Acorda o Bebê.
Mas o Menino Jesus
Não chora.*

1

Tudo isso aconteceu, ou quase. As partes da guerra, pelo menos, são bem verdadeiras. Um cara que eu conheci foi *mesmo* fuzilado em Dresden por pegar um bule que não era dele. Outro cara que eu conheci ameaçou *mesmo* contratar pistoleiros para matar seus inimigos pessoais depois da guerra. E assim por diante. Mudei todos os nomes.

Eu voltei *mesmo* para Dresden com dinheiro da Guggenheim (que Deus a conserve) em 1967. Lembrava muito Dayton, no Ohio, mas com mais espaços abertos. Deve ter umas boas toneladas de farinha de osso humano no solo.

Voltei para lá com um velho camarada de guerra, Bernard V. O'Hare, e fizemos amizade com um taxista que levou a gente ao matadouro onde ficávamos trancados à noite quando éramos prisioneiros de guerra. Seu

nome era Gerhard Müller. Contou ter passado um tempo como prisioneiro dos americanos. Perguntamos como era viver no regime comunista, e ele respondeu que no começo era horrível, porque todo mundo tinha de se matar de trabalhar e porque faltavam casas, alimentos, roupas. Mas as coisas estavam bem melhores. Ele tinha um pequeno apartamento bem agradável, e a filha recebia uma educação excelente. A mãe dele havia sido incinerada na tempestade de fogo de Dresden. É assim mesmo.

Ele mandou um cartão para O'Hare lá pelo Natal, que dizia o seguinte:

“Desejo para você e sua família e também para o seu amigo um Feliz Natal e um bom Ano-Novo, e espero que a gente se encontre outra vez num mundo de paz e liberdade no táxi se o acidente quiser.”

• • •

Gostei muito disso: “Se o acidente quiser.”

Eu detestaria revelar quanto este livrinho safado me custou em dinheiro, em ansiedade, em tempo. Vinte e três anos atrás, quando voltei para casa depois da Segunda Guerra Mundial, achei que seria fácil escrever sobre a destruição de Dresden porque eu só precisaria relatar o que tinha visto. E achei também que seria uma obra-prima ou que pelo menos me renderia uma boa grana por ser um tema bem importante.

No entanto, naquela época não me vieram à cabeça muitas palavras sobre Dresden — pelo menos não o suficiente para escrever um livro. E também não me vêm muitas palavras agora que me tornei um velho chato com minhas lembranças e meus cigarros Pall Mall, com os filhos já crescidos.

Penso em como a porção Dresden da minha memória me tem sido inútil, mas ainda assim tem sido tentador escrever sobre Dresden, e me lembro dos famosos versinhos:

E tinha o rapaz de Istambul
Que falou bem assim ao seu pau:
“Você levou meu dinheiro
E arruinou minha saúde
E agora nem *mija*, animal”.

E também me lembro da canção que dizia assim:

Meu nome é Yon Yonson,
Trabalho em Wisconsin,
Numa serraria por lá.
Sigo em frente pela rua e encontro muita gente,
Que pergunta: “E seu nome?”
Eu digo: “Meu nome é Yon Yonson,
Trabalho em Wisconsin...”

E assim por diante até o infinito.

Ao longo dos anos muita gente me perguntou sobre o que eu andava escrevendo, e em geral eu respondia que meu foco era um livro sobre Dresden.

Falei isso a Harrison Starr, o cineasta, certa vez, e ele ergueu as sobrancelhas:

— É um livro antiguerra?

— Sim — respondi. — Acho que é.

— Sabe o que eu costumo dizer quando alguém me fala que está escrevendo livros antiguerra?

— Não, Harrison Starr. O *que* você diz?

— Eu digo “Por que em vez disso você não escreve um livro anti*geleiras*?”.

Com isso, é claro, ele queria dizer que as guerras sempre existiram e que são tão simples de eliminar quanto as geleiras. Também acredito nisso.

E, mesmo se as guerras não despontassem por aí feitas geleiras, ainda existiria a boa e velha morte.

• • •

Quando eu era um pouco mais novo e estava escrevendo meu famoso livro sobre Dresden, perguntei a um velho camarada de guerra chamado Bernard V. O’Hare se eu podia visitá-lo. Ele era promotor público na Pensilvânia. Eu era escritor em Cape Cod. Tínhamos sido soldados rasos na guerra, batedores de infantaria. Nunca achamos

que ganharíamos dinheiro depois dela, mas até que estávamos indo bem.

Pedi que a Companhia Telefônica Bell encontrasse O'Hare para mim. Esse pessoal é mesmo uma maravilha. Tarde da noite tem essa doença que me ataca vez ou outra, envolvendo álcool e telefone. Eu encho a cara e afasto minha esposa com um hálito de gás de mostarda e rosas. Em seguida, falando com pompa e elegância ao telefone, peço que as operadoras me conectem com esse ou aquele amigo do qual passei anos sem ouvir falar.

Foi assim que O'Hare surgiu na linha. Ele é baixo e eu sou alto. Éramos Mutt e Jeff na guerra. Fomos capturados juntos. Quando ele atendeu, me identifiquei. Ele não teve nenhuma dificuldade em acreditar. Estava acordado. Lendo. Todo o restante da casa estava dormindo.

— Escuta só — falei. — Estou escrevendo um livro sobre Dresden. Queria ajuda para lembrar umas coisas. Pensei em ir aí me encontrar com você, então a gente bebe alguma coisa, conversa, relembra.

Ele não demonstrou muito entusiasmo. Disse que não conseguia se lembrar de muito, mas falou para eu aparecer.

— Acho que o clímax do livro vai ser a execução do velho Edgar Derby, coitado — continuei. — Que coisa irônica. Uma cidade inteira pega fogo, milhares e milha-

res de pessoas morrem. Aí, no meio das ruínas, um único soldado de infantaria americano acaba sendo preso por roubar um bule. Passa por um julgamento civil e é morto por um pelotão de fuzilamento.

— Hum — disse O'Hare.

— Você não acha que o clímax vem daí?

— Não faça a menor ideia — respondeu. — Quem entende desse ramo é você, não eu.

• • •

Na qualidade de comerciante de clímax e frissons e descrições e diálogos maravilhosos e suspense e confrontos, esbocei a narrativa de Dresden muitas vezes. O melhor desses esboços, ou pelo menos o mais bonito, fiz no verso de um rolo de papel de parede.

Usei uma caixa de giz de cera da minha filha, uma cor diferente para cada protagonista. Uma ponta do papel de parede era o início da história, a outra era o fim, e tinha também toda a parte do meio, que ficava no meio. E a linha azul se encontrava com a linha vermelha e depois com a linha amarela, e a linha amarela parava porque o personagem representado por ela tinha morrido. E assim por diante. A destruição de Dresden era representada por uma faixa vertical de hachuras cruzadas cor de laranja, e todas as linhas que ainda estavam vivas a atravessavam e saíam do outro lado.

O final, onde todas as linhas paravam, era uma plantação de beterraba às margens do rio Elba, nas cercanias de Halle. Chovia muito. Fazia algumas semanas que a guerra na Europa tinha terminado. Vigiados por soldados russos, ali estávamos nós — ingleses, americanos, holandeses, belgas, franceses, canadenses, sul-africanos, neozelandeses, australianos, milhares de nós prestes a deixar de ser prisioneiros de guerra.

E no outro lado da plantação estavam milhares de russos, poloneses, iugoslavos e assim por diante, vigiados por soldados americanos. Uma troca foi feita ali na chuva — um por um. O'Hare e eu subimos com muitos outros em um caminhão americano. O'Hare não tinha souvenir algum. Quase todo mundo tinha. Eu tinha um sabre cerimonial da Luftwaffe, que está comigo até hoje. O pequeno americano raivoso que chamo de Paul Lazzaro neste livro estava com quase um quilo de diamantes, esmeraldas, rubis e assim por diante. Tinha tirado essas joias de pessoas mortas nos porões de Dresden. É assim mesmo.

Um inglês imbecil, que tinha perdido todos os dentes sei lá onde, guardava o souvenir dele num saco de lona. O saco estava apoiado em cima dos meus pés. Ele dava umas espiadas dentro do saco de vez em quando, revirava os olhos e girava o pescoço magrelo, tentando flagrar alguém de olho grande. Depois sacudia o saco de lona bem em cima dos meus pés.

Achei que as sacudidas eram acidentais. Eu estava enganado. Ele *precisava* mostrar para alguém o que havia ali dentro e decidiu que podia confiar em mim. Olhou bem nos meus olhos, deu uma piscadinha, abriu o saco. Tinha um modelo de gesso da torre Eiffel ali dentro. Pintado de dourado. Com um relógio.

— Que negócio sensacional — comentou.

E aí fomos levados de avião até um campo de repouso na França, onde nos deram milk-shakes maltados e outras comidas ricas em gordura até todos ficarem rechonchudos como bebês. Depois fomos mandados para casa, e eu casei com uma menina bonita que também era rechonchuda como bebê.

E fizemos bebês.

E agora estão todos crescidos, e eu sou um velho chato com minhas lembranças e meus cigarros Pall Mall. Meu nome é Yon Yonson, trabalho em Wisconsin, numa serraria por lá.

Às vezes, depois que minha esposa vai para a cama, eu tento telefonar para velhas namoradas à noite.

— Telefonista, seria possível conseguir o número da sra. Fulana de Tal? Acho que ela mora em tal-e-tal lugar.

— Perdão, senhor. Não aparece no registro.

— Obrigado, telefonista. Obrigado assim mesmo.

Então deixo o cachorro sair, ou entrar, e conversamos um tanto. Deixo claro que gosto dele, e ele deixa

claro que gosta de mim. Não se incomoda com o cheiro de gás de mostarda e rosas.

— Você é legal, Sandy — digo para o cachorro. — Sabia, Sandy? Você é ok.

Às vezes ligo o rádio e escuto algum programa de entrevistas de Boston ou Nova York. Detesto ouvir música se andei bebendo demais.

Mais cedo ou mais tarde acabo indo para a cama, e minha esposa pergunta que horas são. Ela sempre precisa saber as horas. Às vezes eu não sei e respondo:

— *Eu* que sei?

Às vezes penso nos meus estudos. Frequentei a Universidade de Chicago por um tempo depois da Segunda Guerra Mundial. Era aluno do Departamento de Antropologia. Naquela época ensinavam que não existia a menor diferença entre as pessoas. Talvez ainda estejam ensinando isso.

Outra coisa que ensinavam é que ninguém era ridículo, nem mau, nem repugnante. Um pouco antes de morrer, meu pai me falou:

— Sabe... nenhuma história que você escreveu tem um vilão.

Expliquei que isso foi uma das coisas que aprendi na faculdade, depois da guerra.

• • •

Enquanto estudava para me tornar antropólogo, trabalhava como repórter policial em Chicago para a famosa *City News Bureau* em troca de 28 dólares semanais. Certa vez me transferiram do turno noturno para o diurno, e trabalhei por 16 horas seguidas. Tínhamos parcerias com todos os jornais da cidade, e com a *Associated Press*, a *United Press* e tudo o mais. Cobríamos os tribunais, as delegacias, os bombeiros, a guarda costeira no lago Michigan e tudo o mais. Estávamos ligados às instituições parceiras por tubos pneumáticos que corriam sob as ruas de Chicago.

Os repórteres telefonavam para ditar matérias a redatores que usavam fones de ouvido, e os redatores preparavam as matrizes das matérias em folhas de mimeógrafo. Aí as matérias eram mimeografadas e depois enfiadas em cápsulas de latão e veludo que eram engolidas pelos tubos pneumáticos. As repórteres e redatoras mais casca-grossa eram mulheres que tinham assumido as vagas de homens que haviam ido para a guerra.

E tive que ditar ao telefone para uma dessas garotas toscas a primeira pauta que cobri. Era sobre um jovem veterano de guerra que tinha conseguido um emprego de ascensorista em um prédio comercial com elevador à moda antiga. A porta do elevador no térreo era uma grade ornamental de ferro. Hera de ferro serpentean-

do para dentro e para fora dos buracos. E também um galho de ferro com dois pombinhos de ferro empoleirados.

O veterano resolveu descer a cabine até o porão, mas, ao fechar a porta, sua aliança ficou presa naqueles ornamentos todos. Então, o veterano foi içado enquanto o piso da cabine seguiu descendo, sumindo sob seus pés, e ele acabou esmagado pelo teto. É assim mesmo.

Quando ditei isso pelo telefone, a mulher que ia preparar a matriz quis saber:

— E o que a esposa dele falou?

— Ela ainda não sabe — respondi. — Acabou de acontecer.

— Telefona para ela e pega uma declaração.

— Hein?

— Diz que você é o capitão Finn, da delegacia. Diz que tem uma notícia triste para dar. Dá a notícia e vê o que ela diz.

Aí eu fiz isso. Ela disse mais ou menos o esperado. Tinha um bebê. E assim por diante.

Quando voltei ao escritório, a redatora me perguntou, por pura curiosidade, sobre a aparência do sujeito depois de ser esmagado.

Eu contei para ela.

— Você passou mal? — perguntou. Estava comendo uma barra de Three Musketeers.

— Claro que não, Nancy — respondi. — Vi coisas bem piores na guerra.

• • •

Nessa época eu supostamente já estava escrevendo um livro sobre Dresden. Não era um ataque aéreo muito famoso nos Estados Unidos daquele tempo. Poucos americanos sabiam que tinha sido bem pior do que Hiroshima, por exemplo. Eu também não sabia. Não era uma coisa muito divulgada.

Durante um coquetel, acabei compartilhando com um professor da Universidade de Chicago as coisas que eu tinha visto no ataque, o livro que eu pretendia escrever. Ele fazia parte de um negócio chamado Comitê Sobre o Pensamento Social. E aí ele me falou sobre os campos de concentração, e sobre como os alemães tinham feito sabão e velas com a gordura dos judeus mortos, e assim por diante. Tudo o que consegui responder foi:

— Eu sei, eu sei. *Eu sei.*

• • •

Sem a menor dúvida, a Segunda Guerra Mundial deixou todo mundo bem casca-grossa. E eu me tornei relações-públicas da General Electric em Schenectady, Nova York, e bombeiro voluntário no vilarejo de Alplaus, onde comprei minha primeira casa. Meu chefe por lá era um

dos caras mais casca-grossa que já conheci. Tinha sido tenente-coronel de relações públicas em Baltimore. Enquanto eu ainda estava em Schenectady, ele se tornou membro da Igreja Reformada Holandesa, de fato uma igreja bem casca-grossa.

Às vezes ele me perguntava meio desdenhoso por que eu não tinha sido promovido a oficial, como se eu tivesse feito alguma coisa errada.

Minha esposa e eu já não estávamos mais rechonchudos. Foram nossos anos magricelos. Tínhamos muitos amigos veteranos de guerra magricelos com esposas magricelas. Os veteranos mais simpáticos de Schenectady, na minha opinião, os mais gentis e engraçados, os que mais odiavam a guerra, eram os que tinham realmente combatido.

Naquela época eu escrevi para a Força Aérea pedindo detalhes sobre o bombardeio de Dresden, quem dera a ordem, quantos aviões tinham participado, por que tinham feito aquilo, quais tinham sido os resultados esperados, e assim por diante. Fui respondido por um homem que, como eu, trabalhava como relações-públicas. Ele disse que sentia muito, mas que essas informações ainda eram sigilosas.

Li a carta em voz alta para minha esposa e comentei:
— Sigilosas? Deus do céu... Para *quem*?

• • •